

127

SERPENTAQVILA  
N V M E R O S A

NAS AUGUSTISSIMAS VODAS  
Dos muy Altos, & Poderosos Reys, & Se-  
nhores nossos

DOM JOAM V.

&

MARIANNA DE AVSTRIA,

*Dedicada ao Excellentissimo Senhor*

D. FRANCISCO XAVIER  
JOSEPH DE MENEZES,

Quarto Conde da Ericeira, do Conselho de S. Magestade, Sargê-  
to mór de batalha de seus Exercitos, senhor das Villas da Eri-  
ceira, & Ancião, & do Lourical, Cômendador de qua-  
tro Cômendas na Ordem de Christo,

P O R

GASPAR LEITAM DA FONSECA.



L I S B O A,

Na Officina de VALENTIM DA COSTA  
Deslandes, Impressor de S. Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1709.

7 11 22

SERPENTAOVILA  
N V M E R O S A  
NAS AUGUSTISSIMAS VODAS  
Dormay Alas, & Poderolos Revas, & 2es  
filioses ronos  
DOM JOAM V.

8

MARIANNA DE AVSTRIA,  
Dedicada ao Excellentissimo Senhor  
D. FRANCISCO XAVIER  
JOSEPH DE MENDES,  
Quarto Conde de S. Paulo, e Conde de S. Magalhães, Sarg.  
to-mór de guerra de S. Paulo, e Governador das Villas da Tri-  
pura, & Alcaide de S. Paulo, e Governador de qua-  
tro Governos no Oriente da India.

GASPAR LEITAM DA FONSECA.



L I S B O A,  
Na Officina de VALENTIM DA COSTA  
Deslandes, Impressor de S. Magalhães.  
Com todas as licenças necessarias. Anno de 1709.



EXCELLENTISSIMO

# SENHOR,



Quem, senão a V. Senhoria, deve com generoso desempenho buscar a minha obrigação para este papel, não só como obsequio, mas ainda como dívida; pois quando o papel he meu, vejo que o assumpto he todo de V.S. em quem pello espirito, & pello sogetto, pudera esta empreza ter aquella cabal / atisfação, com que eu agora lha desejava offerecer; & quando na universal opiniaõ acredite este conhecimento, não quero desta resolução outro mayor applauso, vendo o mundo que quando em mim sey confessar os erros, tambem sey mostrar em quem se consideraõ os acertos, servindome para desculpa daquelles o ineffavel desejo de emendallos, com honrar a minha insufficiencia na gloriosa enveja do mi-

Fr. Encarnação.

A ij

lagroso

lagroso engenbo de V. Senhoria, & com dar a  
entender que lem ser pella discriçãõ de V. Se-  
nhoria nunca este Poema poderia sabir acer-  
tado, o que para todos sempre será a mayor quei-  
xa, pelo que conheço, & para V. Senhoria a  
mayor satisfação, pello que offereço, q̄ he aquel-  
la immortal ancia, com que em todas as  
minhas acçoens sey buscar o mayor credito de  
todas no venerado nome de V. Senhoria, que  
Deos guarde como merece. Thomar 9. de  
Novembro de 1708.

*De V. Senhoria menor criado*

**Gaspar Leytaõ da Fonseca.**



# LICENCAS.

Do Santo Officio.

**O** Padre Mestre Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do S. Officio veja a Serpentaquila numerosa de que trata esta petição, & informe com seu parecer. Lisboa 8. de Fevereiro de 1709.

*Carneiro. Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha.*

*Fr. Encarnação. Barreto.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

**R**evi a Serpentaquila numerosa de q̄ trata esta petição, & não achey couza que encontre nossa Santa Fè, & bons costumes. Lisboa no Convento de N. Senhora da Graça 13. de Fevereiro de 1709.

*O Mestre Fr. Alvaro Pimentel.*

**O** Padre Mestre Fr. Ignácio de Santa Maria, Qualificador do S. Officio, veja a Serpentaquila numerosa de que trata esta petição, & informe com seu parecer. Lisboa 15. de Fevereiro de 1709.

*Moniz. Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha.*

*Fr. Encarnação. Barreto. ILLU-*

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR:

**S** Em risco de encorrer a nota de encarecido, se podera ser Homero do louvor deste Poeta, & da sua Serpentaquila numerosa; porq he Aquilles na arte, Argos nas noticias das Fabulas, & Aguia nos vocabulos da lingua Portugueza; pois ainda não ouvi mais energia na rhetorica, nem eloquencia mais crespa; por onde cuido, serâ nesta occasiã a ultima obra, que se publique por meyo da estampa: & devia o Author della guardar-se para ultimo na certeza, de que nenhũa precedente seria a primeira; & quando não fora por não conter esta Serpentaquila algum veneno contra nossa Santa Fe, ou bons costumes, & pelo objecto regio de sua empreza, por credito da elegancia da lingua merece a licença que pede. Lisboa S. Francisco da Cidade 18. de Fevereiro de 1709. *Fr. Ignacio de S. Maria.*

**V** Istas as informaçoes, pòde-se imprimir a Serpentaquila numerosa de que faz menção esta petição, & impressa tornarã para se cõferir, & da licença que corra, & sem ella não correrã Lisboa 22. de Fevereiro de 1709.

*Moniz. Haffe. Monteiro. Ribeiro. Rocha.*

*Fr. Encarnaçõ. Barreto.*

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR: •

Do Ordinario.

**P**Ode-se imprimir visto a licença do S. Officio, & depois de impresso torne para se conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 5. de Março de 1709.

*Bispo de Tagaste.*

Do Paço.

**M**anda El Rey nosso Senhor que o Conde da Ericeira veja este papel, & pondo nelle seu parecer o remeta a esta Mesa. Lisboa 20. de Março de 1709.

*Duque P. Oliveira. Lacerda Carneiro. Cof. a. Botelho.*

SENHOR.

**B**Em pudera representar a V. Magestade que bo meu parecer he pouco livre na cêlura deste Epithalamio, pois o seu Author quando mo dedica, me lisongea com a vaidade de conhecer q̄ sou dos mais finamente empenhados em que se celebrem as glorias, q̄ Portugal alcançou com o Real Conforcio de V. Magestade; mas como em assumpto tam superior não devo attender mais, que a ponderar o decoro com que este Poeta explicou o seu zelo, me parece digno de sahir a luz, & de que V. Magestade o honre admitindo este pequeno tributo da sua Musa, para que

se anime a imprimir hum Poema heroico, a que intitula Irenidos, & està escrito com elegancia, & erudição. A Catholica, & Real pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos. Lisboa 21. de Março de 1709.

*O Conde da Ericeira.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a Mesa para se taxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 22. de Março de 1709.

*Duque P. Oliveira. Lacerda. Carneiro.*

*Costa. Botelho.*





Ruzando Febo a linha abrazadora,  
O tropico rayava da Ursa fria,  
Que emulo de outro Sol, q' o mar adora,  
Em humido farol, brilhando, ardia:  
Em branca luz, crepusculo da Aurora,  
Arminho veste o Ceo, purpura o dia,  
Enlaçando Neptuno o Tejo louro  
Em braço de cristal por cordão de ouro.

Quando o Rio em verdores prateados  
Tecendo a seu candor tresca grinalda,  
Da çanefa nos choupos engraçados  
Fórma à testa anciãa cãas de esmeralda:  
De conchas em cristaes alcachofrados  
Crespas joyas compoem lustrosa fralda,  
Discorrendo com pompa nunca ingrata  
Por chamalote de ouro ondas de prata.

De perolas a roupa em doce alento  
De safiras livrando em cinto breve,  
A cada estampa imita o movimento  
Em monstros de cristal Tritoeus de neve:  
As ondas com soberbo luzimento  
Tanto sabe ostentar a roupa leve,  
Que se derrete, & lava por suas veas,  
Cresso nas ondas, Midas nas areas.

Atè que pela margem deleitosa  
 Seus passos excedendo o Rio ardente,  
 Occupa com prezença magestosa  
 Dourado throno em sala transparente:  
 Em doce concha Venus graciosa  
 De seu lado se vè pompa eminente,  
 Que em aguas tam gentis inda procura  
 Vir de novo a nacer a Fermosura.

A Fermosura, a qual com doce agrado  
 Já branda, já suave em seu thesouro,  
 A tanto coração sempre abrazado  
 De cristal settas vibra em arco de ouro ;  
 De cristal, que entre escumas defatado,  
 Sempre doce discorre, & sempre louro ;  
 Que em tal dia do bello inda os rigores,  
 Quando tiros parecem, saõ favores.

Em coro de Cupidos rodeada  
 Parece a Deosa com razoens discretas  
 De espinhas vivas Rosa torneada,  
 Ou Sol tecido em crespas borboletas :  
 De cada qual a espaços abraçada  
 Do brando voo em azas inquietas,  
 Lhe faziam, por gloria das escumas,  
 As settas passador; toucado as plumas.

o Aqui

Serpentaquila numerosa.

II

Aqui todo o cristal movendo em riso,  
 Pàra Venus, pois, diz o Rio amante,  
 Agora deste verde Paraíso  
 Já posso ser o Ganges rutilante ;  
 Agora, que este aljofar branco, & liso,  
 Caminha a ser do mar copa brilhante ;  
 Que em perolas o mar só busca agora,  
 A que Esposa he do Sol, Augusta Aurora.

Navega lá do Rio caudaloso,  
 Que he della em seus cristaes mudo traslado,  
 Do Rio que lá tinge bellicoso  
 O Turco ardente, o Scytha congelado ;  
 Do Danubio fatal, que, em prata undoso,  
 No Euxino mar entrando arrebatado,  
 Pela profunda copia , que alto encerra,  
 Rio vive no mar, & mar na terra.

Oh que ditoso espero, & mais fogeito  
 Entaõ para mais gloria , & mais deleite,  
 Em vez de ouro, & cristal, com doce effeito  
 Levar mel esta area, esta agua leite ;  
 Sem que a abelha trabalhe em seu conceito,  
 Nem que a ovelha a seu dano se fogeite,  
 Verás de minhas ondas no tesouro  
 Leite como cristal, & mel como ouro.

B ij

Sem

Sem às portas bater entaõ do Oriente,  
 Produzirà meu campo rutilante,  
 Se tam custosa naõ, mais reluzente,  
 A safira gentil, o bom diamante:  
 Esta margem, que ves tam florecente,  
 Tam preciosa veràs, & tam galante,  
 Que êmpérolas, & orvalhos, sem temores,  
 As flores seraõ conchas, & mais flores.

Do Fenicio rebanho a vãa riqueza,  
 E desse Indò animal o dente avaro,  
 Primicia a ser virà desta aspereza,  
 E deste bosque inutil terror claro:  
 Já parece, que em nova natureza  
 Se troca desse monte o centro raro,  
 Retratandose alli por branco, & louro,  
 Quando em prata Janeiro, Julho em ouro.

Já parece, que a Moça collocada  
 Desse campo de luz nas margens bellas,  
 Nesta selva, de glorias semeada,  
 Sem desprezar epigas, colhe estrellas:  
 E o bruto que na Ninfa namorada  
 Mentido roubo foy com vis cautelas,  
 Sem da esfera pascer os globos de ouro,  
 Com flores Jove he, com astros Touro.

Neste

Neste Real conforcio se destina  
Do mundo a doce paz, que o Ceo deseja;  
Que em conjunção tam rara, & peregrina,  
Junta Venus com Marte se festeja,  
Cuja constellação alta, & divina  
Do Mundo a melhor dita he bem que seja;  
Porque o Amor só por arma se procura  
Quando à guerra se liga a Ferosura.

Agora prostrar deve a antiga Espanha  
Do azul Leão o crespo desalinho,  
Agora, que a Aguia sacra de Alemanha  
Sobre as Quinas fabrica augusto ninho:  
A Aguia digo, que là com gloria estranha  
Do generoso voo no caminho  
Ministrar pòde o rayo esclarecido  
Em vez da lança, ao Jupiter Marido.

Paz tem feito em melhora diferente:  
A mesma natureza tam constante,  
Hoje, que a Aguia alterna co a Serpente,  
Do Portuguez brazaõ pompa arrogante:  
Jà a verde serpe em touro florecente  
Novos collos elèva sibilante,  
Desenvolvendo em horrído thesouro  
A pelle de diamante, a escama de ouro.

Agora,

Agora, que no thalamo luzido  
 Lucina prende o pavelhaõ guerreiro,  
 E da confusa caixa ao som temido  
 Responde do clarim o ecco ligeiro :  
 Agora, que de Brontes no estampido  
 Vulcano lá soluça sobranceiro,  
 Por mais gloria, & mais timbre, só convinha  
 Hymeneo Marte ser, Pallas Madrinha.

A purpura tingir só deve a espada,  
 Quea ssm só he gentil, só respeitosa ;  
 Pois de espinhas, triunfante, como armada,  
 He que a reynar no bosque saye a Rosa :  
 Por mais que ella presuma de encarnada,  
 E por mais que brazone lde lustrosa,  
 Sempre vem a mostrar seu bello encanto,  
 Que se a purpura he sangue , o aljofar pranto.

Inda tu, que do Amor na melhor arte  
 Professas o sossego co a brandura,  
 Namorada talvez do fero Marte,  
 Casar sabes co a guerra a fermosura:  
 Naõ pòde caçador feliz gozarte  
 Adonis, & te adora hoje flor pura,  
 Dando a entender dos golpes no desvelo  
 Que estando ensanguentado, està mais bello.

Agora

Agora

Agora, que em cadáveres crecido  
Mais tumulto, que monte, he cada monte,  
E por todo esse campo sumergido  
Rio o sangue se vê, as veas fonte,  
Anfiteatro inda mais ennobrecido  
De Portugal erguer sabe o horizonte,  
Quando a mesma occasião ( se bem se acclama )  
Que tragedia he no horror, theatro he na fama.

Talvez com paramento palaciano  
Em lisofja do pródigo ornamento,  
Campo guerreiro torna o molle pano,  
Da peregrina agulha o mudo alento;  
E neste vivo objecto soberano  
Aparato acha a vista mais attento,  
Quando em timbre das honras tam prezado,  
Mais o vivo compoem, que o retratado.

Que campanha de flores esmaltada,  
Pòde ostentar a viva natureza,  
Se só quando está de armas semeada,  
Mostrar sabe, que he terra Portugueza;  
Sómente quando nella sega a espada,  
Da Lusitana souce he digna empreza;  
Que os furcos deste campo mais perfeitos  
Com carros de triunfos foraõ feitos.

Agora

Agora, que no liquido elemento  
 A Americana plaga felizmente  
 Colonias de madeira fia ao vento  
 Em mappas de Neptuno transparente,  
 A aurea frota, que em vasto movimento  
 Pellos antigos mares do Occidente  
 De rica, & de soberba, na agua grata  
 Rompendo vem safir, pizando prata.

De ambrosia, como de ouro, enriquecida  
 (De hũa, & de outra ambição fruto adorado)  
 No suco de outra cana mais subida  
 Faz doce cõmissão ao mar salgado,  
 De hum, & de outro appetite recebida,  
 Tal se julga a substância, & tal o grado,  
 Que já no que se admirá, & que se topa,  
 Plataõ serve o manjar, Midas a copa.

Todo o mar nas bonanças Portuguezas  
 Vem com justa fortuna florecendo,  
 Quando o rompe nas quilhas Bretanhezas,  
 Quem lustrosa co as ditas vem correndo:  
 Em pompas, em delicias, & em grandezas  
 O porto de Lisboa està fervendo,  
 Tudo tam ostentoso, & emfim tam grato,  
 Que entãõ fortuna he, quando aparato.



Neste tempo Tritaõ, que por espia  
 Aguardava nas portas do Oceano,  
 Lá na concha a maritima harmonia,  
 Trovaõ do mar, desperta em rouco engano:  
 Com fogo respondeo a artilheria  
 Das aguas ao pregaõ, & a todo o pano  
 Arvorando, affomava o Real pinho  
 Por campos de crystal trofeos de linho.

Breada ostentaçaõ o mar passea,  
 Que florecida a cada galhardete,  
 Quando opprime safir, prata pentea,  
 Iris veleyro, inchado ramalhere:  
 De serico plumage a crespã vea  
 Ferida, tam lustrosa se entremete,  
 Que o lenho mais, que garça de Neptuno,  
 De Thetis he pavaõ, delfim de Juõ.

Do zefiro cortez ao doce alento  
 Hum aljofar zarpando em cada escuma,  
 Perolas deixa ao mar, flores ao vento,  
 Concha de tafetà, jardim de pluma:  
 Seguido seu ayroso movimento  
 De risonhas Nereidas ser costuma,  
 Quando a Ninfa menor com brando geito  
 Ao remo o braço poem, a quilha ao peito.

Com jugos de cristal huma modera  
 Do aromatico ceto a azul carranca,  
 Das Antarticas conchas traz Neera  
 Toucada com primor a testa branca,  
 Que em crespo caracol com mão severa,  
 Purpurea, & bella copia ao mar arranca,  
 Donde derrama com gentis aggravos,  
 Perolas por jasmims, coraes por cravos.

Pellas grutas dos concavos rochedos  
 Se vem do mar as humidas alcovas,  
 Por onde de esmeralda em vaões enredos  
 Por laçaria pendem brancas ovas:  
 A escamola cerviz pellos penedos  
 Levantaõ já os delfins com razoens novas,  
 E param sobre a cauda a ver bem tanto  
 Huns de curiosidade, outros de espanto.

Sobre manchadas focas qualquer dellas  
 Por aurigas Tritoeus prende nevados,  
 Que desfilando sobre as ondas bellas,  
 Se vem rodar em carros prateados:  
 Vendo huma tremolar as brancas velas,  
 Balcaõ busca nos paramos dourados,  
 Outra vendo nadar o leve pinho,  
 De florida espadana orna o caminho.

Do antigo mar os mudos caminhantes  
Com soberba oblação, com nobre agouro,  
Em gloria dos ditosos navegantes  
De prata em padroens gravaõ cifras de ouro:  
Ja nesses salitriferos diamantes  
Terfos annaes registram por thesouro,  
Coroando por mãos de Galatea  
Colossos de crital, pompas de area.

De esmeralda futil entretecido  
Hum verde cesto Doris sem demora  
De perolas em culto agradecido  
Confagra amante, humilha devedora:  
Não cria essa ilha preço tam luzido,  
Que talher he do Sol, copa da Aurora  
A Cuba, nova enveja do Oriente,  
Ceylão, emfim, das Indias do Occidente.

○ A Esposa Real porque attendia  
O holocausto, que fino se offertava,  
O aljofar lhe pagava, se se ria,  
E o coral, se não ria, lhe pagava:  
O coral de vergonha se acendia,  
Quando de pejo o aljofar enfiava,  
Do respeito aprendendo no reparo  
Hum mais purpureo a ser, outro mais claro.

Atè que pella proa pendurado  
 Deixou da prenda o voto generoso,  
 E com colar a Nao tam prateado  
 De Ninfa tomou collo deleitoso:  
 De gondolas o bordo rodeado,  
 Vestido o palasquermo em cinto ayroso,  
 Ou parecia planta em flor regada,  
 Ou era Ninfa em tronco transformada.

Em celestial aljofar derretidos  
 Se foraõ pouco a pouco desatando  
 Do crespo orvalho os fios presumidos  
 De tanto Sol ao rayo, bem que brando:  
 A liquidas escumas reduzidos,  
 De outro preço mayor se està gozando,  
 Pois, quando espelho saõ por tantas fragoas,  
 Mais, que as perolas, tem valor as aguas.

Quasi em fórma de hum throno congelado,  
 Amfitrite hum safir vinha envolvendo,  
 Que às vodas de Pelèo foy destinado,  
 Por thalamo gentil neve tecendo:  
 O diamantino Ganges, & o gemmado  
 Hidaspes, donde o Sol se fica erguendo,  
 Naõ lograõ leito, naõ, de tal valia,  
 Bem que hũ da Aurora he pranto, outro sangria.

Mas

Mas, quando à peregrina Magestade  
Tal gloria dedicar fina intentava,  
Vendo o baxel, que occupa, na verdade  
Já menos offrecia, que envejava;  
Pois, das flamulas vendo a variedade,  
Que em linho esconde, & em nacar tremolava,  
Acha, que de Hymeneo por maravilha,  
São fachos os faroes, thalamo a quilha.

Lavrado o bordo vem do pão cheiroso,  
De que ó Libano santo se torrea,  
Cujo incorrupto alento delicioso  
Das confeiçoens Arabicas se brea:  
Fadiga são do bicho artificioso  
As velas com que o vento se recrea,  
E o Jupiter do mar na proa estranha  
O tridente fulmina, o rayo banha.

Os cachopos que sempre enfurecidos  
Da barra de Lisboa são gigantes,  
De prateadas ondas revestidos,  
Penhascos já não são, só são diamantes:  
As torres, que Colossos presumidos  
Forão sempre dos vagos navegantes,  
Logo, em linguas, em fim, em eccos logo  
Daõ de agua a parabens, salvas de fogo.

Descubrem-se do Grego os sacros muros  
 Pellas mãos de Neptuno caldeados,  
 Onde sempre fataes, sempre seguros,  
 Se vem da eterna pompa coroados:  
 Obeliscos se vem de marmor puros,  
 Do Sol nas galerias torneados,  
 Para cujo esplendor o Tejo louro  
 Cria em prata jasmins, lirios em ouro.

De fabrica gentil ponte engenhosa,  
 De hum pinho noutro pinho discorrendo,  
 Mais, que ancora fiel, lancha lustrosa  
 Ao Regio Bucentauro vay recendo:  
 Tam dourada se ostenta, & tam fermosa,  
 Que parece, que a area derretendo,  
 O mesmo Rio faz, que se remonte  
 De prata em carro de ouro outro Faetonte.

Neste do Tejo portico pomposo  
 Logra o primeiro passo essa Deidade;  
 Que em JOAM abraçando hum digno Esposo,  
 Sò, quando o abraça, humana a Magestade,  
 E de Hymeneo jo laço mais forçoso  
 Aquelle enleyo foy na eternidade;  
 Que quando as sympatias são tam bellas,  
 De diamante he o laço, o nõ de estrellas.

Aos vassallos se mostra em mudo espanto  
 Aquella soberana alta belleza,  
 Em cujo Augusto affecto, & Regio encanto,  
 Namora o sceptro, & reyna a gentileza:  
 Das ondas não sahio fermosa tanto,  
 A que tem Corte em Chipre, & por grandeza  
 Esse terceiro globo, como agora  
 Do Occidente no mar rompe esta Aurora.

De perolas na testa ornato bello  
 Faz duvidar com crespa galhardia,  
 Se lhas guarda por concha inda o cabelo,  
 Ou se a trança por laço lhas enfia:  
 Taes rayos prender, pois sabe o desvello.  
 Que entendo, que affustada a bizzarria  
 Ao cabelo gentil, vendo abrazallo,  
 Com aljofares corre a borrifallo.

Com traça tam fermosa à testa acode,  
 Que, quando se avifinha em candor breve,  
 Não sem verdade, mostra, que ser pòde  
 Limite a tanto Sol, só tanta neve :  
 E para que os diamantes accõmode,  
 Queixosos de que o preço o aljofar leve,  
 Com graça mostra a boca brilhadora,  
 Que o Sol os cria, aonde ri a Aurora.

Mostrouse a natureza tam curiosa  
 Das faces no matiz, que a cor serena  
 Onde cristal se vê, confunde a rosa,  
 E onde nacar está, mostra a açucena;  
 Mas nesta confusão tam deleitosa  
 Tanto da arte as liçoens illustra amena,  
 Que, de cores formando mescla pura,  
 A viveza se anima da pintura.

O Rio que em safiros vay saltando,  
 Parece, que de viva saudade  
 Na refaca das ondas respirando,  
 Inda intenta avistar tal Magestade:  
 O corpo azul num còllo levantando  
 Os delfins com magoada grávidade,  
 Já de vista perdendo as doces velas,  
 Eraõ do mar perdidas fintinelas.

Venus entã da praya namorada  
 Vive, lhe diz, do Esposo soberano  
 Appetecida mais, quando gozada  
 No thalamo do throno Lusitano:  
 Do diadema a madexa coroadada,  
 Unindo o ouro illustre ao ouro humano,  
 Entre os rayos de hum Sol, que honra Lisboa,  
 Mais cuidõ se coroa, que coroa,



Unindo a bizarrria à gravidade,  
O respeito enlaçando co'a ternura,  
Do mesmo, com que se orna a Magestade,  
Parece, que se touca a Ferosura :  
Tal respeito, inda a gala persuade,  
Tal amor inda a purpura assegura,  
Que equivoca o cabelo em seu thesouro  
Diadema com diadema, ouro com ouro.

Tal alento em teus annos se adiante,  
Que em teus annos a vida eternizada,  
Na Aguia venha a ficar pluma brilhante,  
Quanto na Feniz he cinza dourada:  
E excede sempre em ninho de diamante  
De Leda a geração, que ao vento agrada,  
Vendo os partos gentis com nobre rama  
Ser Astros no esplendor, Aves na fama.

Produza, pois, o laço venturoso  
No soberano fructo juntamente  
Por Aguia, Ganimedes no fermoso,  
E Alcides no robusto, por serpente;  
Para que assim só corra em voo ayroso,  
Para que assim só nasça em dom valente,  
E venha de elemento em elemento  
Na terra berço a ter, carro no vento.

No thalamo Real, que em vez de rosas,  
 De purpuras agora se acredita,  
 Heroes nos dà, que acçoens obrem gloriosas,  
 Affonfos no valor, Manoeis na dita:  
 Affonfos, que com armas portentosas,  
 Antheos sejão desta Africa infinita;  
 E Manoeis, que com quilhas arrogantes  
 Lá desta Asia fatal sejão gigantes.

Herões, que do Siao nas rochas fantasma  
 Altares á Cruz lavrem, que se humilha,  
 E te vejas, em bem de glorias tantas,  
 De Emperadores Mãy, bem como es Filha:  
 Bem tantas esperanças temos, quantas  
 As leys presentes são, que o tempo trilha;  
 Pois no valor o berço bem se encerra,  
 Quando se occupa o thalamo na guerra.

Inda o Monstro que sceptro injusto goza,  
 E o Grego mar infama obedecido,  
 Chypre a ti cederá lá por fermosa,  
 E Rodas, por piedoso, a teu Marido:  
 Do Messias à espada religiosa  
 O sepulchro outra vez restituído,  
 Nesse das Quinas Labaro chagado  
 Outra vez o veràs resuscitado.

140

Do alfange Malabar o córte agudo,  
Da Moura Cemitarra o bronco fio,  
De huma vez quebrará no Lyfio escudo,  
Cederá de huma vez no Hesperio brio:  
O Malayo cortez, o Chim sezudo,  
O Persa nobre, o Tartaro gentio,  
No jugo Portuguez verás tornallo  
Catholico em brazaõ de ser vassallo.

Já parece, que, em bem desta esperança,  
Portugal de ouro as veas vay tornando,  
E em bronze com soberba confiança  
As asperas entranhas azulando,  
Quando na artificiosa temperança  
O mesmo ferro o ferro vay buscando,  
Das minarosas grutas no trabuco  
Suando tanto Encelado Nabuco.

Renascer quer o seculo dourado  
Nos montuosos annaes da Estremadura,  
Donde o Nabaõ, em prata desátado,  
Já mais do Tejo ri, do que murmura:  
Todo em metaes seu berço arrodelado,  
Quer em ouro apurar a neve pura,  
Intentando o licor que desentranha,  
Ser de ouro a Portugal, de ferro a Espanha.

Desempenhada a prospera memoria  
 Que o tempo foy em Cyntra descobrindo,  
 Por comércio verás, & mais por gloria,  
 Que o Tejo paga quanto deve ao Indo :  
 Nesta, aos seculos, ultima victoria  
 O mundo a Portugal todo assistindo,  
 Da colúna lerás com notas bellas  
 Rubricadas as letras nas estrellas.

Ao thalamo ditoso, pois, caminha,  
 Onde te espera o laço esclarecido,  
 O laço que listaõ he na fê minha,  
 Com que galante prende, o que he **Marido** ;  
 Dama, pois, correa ser, quando **Rainha**,  
 Lograrás no levero o enternecido,  
 Pois foy doce artificio da vontade  
 Ver o Amor, & cegar a Magestade.

Queixosa da razão a Ferosura  
 Vivia na modestia soberana,  
 Vendo, que do respeito na ventura  
 Sò do affecto lograva a sombra humana :  
 O carinho passar hoje procura  
 A mesma adoração, onde se engana,  
 Que do Real affecto na porfia  
 A adoração transcende à idolatria.

Aqui

Aqui, pois, onde o Tejo transparente  
 Mais he do mar imperio, que tributo,  
 Em ouro o teu treslado docemente  
 Destas aguas serà ditoso fruto :  
 Entre esmeraldas rindo de contente,  
 Já parece que o Rio, nunca enxuto,  
 De flores ser intenta a cada riso  
 Adonis, quando em perolas Narciso.

Já parece, que em gloria desse rosto  
 O que accidente foy torna desvello,  
 E não de ocio o retrata, mas por gosto,  
 Pois he tam bello, emfim, que he mais que bello:  
 Em copias de cristal esse Sol posto,  
 He tal a perfeição, tal o modello,  
 Que sem se distinguir essa cor breve,  
 Parece neve o Sol, & sol a neve.

Teu nome mudamente articulando  
 As menores conchinhas desta area,  
 No Sul as estarão inda emulando  
 As mesmas, em que o aljotar se semea:  
 Da Aurora o orvalho aquellas congelando,  
 Conservando o bem estas, que as recrea,  
 De magoa, & de prazer o candor liso  
 Naquellas serà pranto, nestas riso.

Logrando o mesmo nome em cifra clara  
 Deste valle inda os troncos mais viçosos  
 Em virtude do bem que se prepara,  
 Verdes sempre estaraõ, sempre frondosos:  
 No golpe, que nas letras se repara,  
 Alentos tomarãõ mais deleitosos;  
 Que tam suave nome, inda cortando,  
 Onde rompendo està, fica animando.

Caminha, pois, ao sacro ligamento,  
 Em quanto sobre o leito, que te enlea,  
 Em mirtos neva espiritos Tarento,  
 E Pesto em rosas sonhos purpuréa:  
 De Cupidos armado o sutil vento,  
 De gyraloes nocturnos se tornea,  
 Que delicias travando com rigores,  
 Em parte abelhas saõ, em parte flores.

Em quanto dessa barbara palestra  
 Na contenda agonal, no circo ardente,  
 O culto borzegui da antiga orchestra  
 Là no equestre coturno se desmente,  
 Onde em Lunar terror compõnta destra  
 O tauri-jove monstro aspectos mente,  
 Eternizando obsequio mais profundo,  
 Ou seja signo ao Ceo, ou parte ao Mundo.

Emprego de tres braços Titulares  
 Tanto arrojo ferà, tanta grandeza,  
 Que do brio entre extremos singulares  
 A bizarría ensayaõ na fereza :  
 Pois do primor em lances não vulgares  
 Quando os encontra a tolca natureza,  
 Por mais credito lograõ resolutos  
 Do acerto occasioens nos mesmos brutos.

Em quanto com nocturna bizarría  
 Mongibello Real, Etna pomposo  
 Crescer faz para erratica alegria  
 A mesma praça em monte artificioso :  
 Quando, com negro escandalo do dia,  
 Este alinhado Cyclope lustroso  
 Chega a ser de outro mar na regia area  
 Mais recreyo, que horror, de Galatea.

Fazendo a noite clara, o dia escuro,  
 Com sombra ardente, & negro desafogo,  
 Num, & noutro crepusculo mais puro  
 Fumo respira, se vomita fogo :  
 Quando em seu mesmo leito mal seguro,  
 Este imitado Encelado faz logo  
 A maquina estribar de seus alinhos  
 Nos bastoens dessa fabrica de pinhos.

Meu

Meu sulfureo Consorte docemente  
 Sua officina em hombros de gigante  
 Para aqui mudará quando eminente  
 Men templo Roma com lisonja amante:  
 Que da praça no extremo mais patente  
 Todo emmarmorecido de diamante,  
 A plintos, & a onedalthas levantado,  
 Vaga esfera será, penfil dourado.

A amante murta, a rosa namorada  
 Huma em pinhas de neve florecida,  
 Outra em laços de nacar desatada,  
 Capiteis, & festoens dando entendida,  
 Jardim sendo, & cancel, templo, & portada,  
 Donde o cesto gentil, zona encendida,  
 Soltando irá com musicas parellhas  
 Ays por Favonios, risos por abelhas.

No centro deste Efesio frontispicio  
 O roubador da Grega celebrada  
 Pelles vestindo em rustico orificio,  
 A maçã me dará doce, & dourada:  
 De enroscados delins bello exercicio  
 Tecerey na voluta mais lavrada,  
 Onde de duas pombas aurea venda,  
 Passará de ser laço a ser contenda.



Galopeando em voos brancas aves  
Em carro de cristal me iraõ tirando,  
Que em escamoso throno os delfins graves  
A hum tempo vaõ torcendo, & prateando :  
Os orgaos de coral Tritoens suaves  
Em citharas de espinha temperando,  
Naõ deixes de elcutar, de ver naõ deixes  
Os passaros cantar, dançar os peixes.

Daqui logo a teus pès mais galhardia  
Bebendo em hum profundo rendimento,  
Deste monte na ardente ferrania  
Te mostrarey do fogo outro elemento,  
Onde suando Brontes todo o dia,  
Dessa fragoa no sordido apolento  
O ferrugineo Deos a face adusta  
Te mostre hora rosada, hora robusta.

Atè que em aurea setta desatando  
Da temperada massa o golfo ardente,  
Do bicorne metal no golpe brando  
Musica alterne a cavernosa gente:  
No horrifono martello irà soando  
De tanto effeito a acção mais revivente,  
Com melhor harmonia, do que aquella,  
Que em seu golpe a Pythagoras disvella.

Nisto

Nisto de tanto estrondo indigna a fragoa  
 Do mesmo Tejo a aurifera corrente  
 Inundando em ardor, secando em agua  
 Voar verá esse monte rayo ardente :  
 Em applauso o furor, em gosto a magoa,  
 Aos olhos roubará esse eminente,  
 Que das entranhas linguas defencerra,  
 Relampago do ar, trovaõ da terra.

Esse Olympo triumphal, tosco gigante,  
 Que, quando nesta pompa derradeira  
 Elgremir vay os fogos por montante,  
 Tremolar sabe os fumos por bandeira :  
 Dos coraçõens o imperio mais amante  
 Nelle arderá com chama verdadeira,  
 Porque, como a teus pès chegar esperem,  
 Sò com azas de fogo voar querem.

Esse cumulo sempre ennobrecido,  
 Que he luzido trofeo do Lyfio fausto,  
 Bem he do Amor altar esclarecido,  
 Onde as almas são chamas, & holocausto :  
 Do affecto Portuguez sempre entendido  
 Brazaõ quer ser o incendio nunca exhausto,  
 Para que aos olhos teus assim remonte  
 Em monte os coraçõens, o fogo em monte.

Esse flãmante pó, que a brilhar voa  
Lá no obscuro papel rasgo luzido,  
Trompa he, que escreve, pluma, que apregoa  
Nesse de Flandês calamo encendido ;  
Quando a sulfurea tinta, com que atroa,  
Nas lagrimas azues do ardor sentido,  
Brotar faz com brilhante desafogo  
De polvora em borroens, letras de fogo.

Caminha, pois, ao portico dourado,  
Que na escuma do Tejo sempre loura  
De brilhadora pompa alcatroado  
Quando mais se derrete, mais se doura :  
Do Tejo, que, de velas emplumado,  
Por entre jardins corre, & se athesoura  
Huma vez deleitoso, outra sereno,  
Entre pequenas ilhas mar pequeno.

Affim dizia a Deosa, quando o Tejo  
Outra vez em seu centro descançando,  
Ou já por natureza, ou por festejo,  
Os muros Ulysseos foy buscando,  
A magestosa quilha o seu forcejo  
Sentio logo, em mais ondas aboyando,  
A qual, quando mais alta a levantava,  
De contente parece, que a abraçava.

Em

Em festivos trovões a artilharia  
 De polvora relampagos dispara,  
 Quando, como de farça, alegre o dia  
 No fumo, em que se esconde, se emascara.  
 Do resplendor a prata se feria,  
 Que, escumando em cristaes, corre mais clara,  
 E ao reflexo da luz brilhando, entende  
 Que se derrete mais, quando se encende.

Jà no pardo balcão Cyntia rayando,  
 Luminarias fazia das estrellas,  
 Que à noite o feyo manto vaõ rasgando  
 De tanta exhalção nas luzes bellas;  
 Se he que nesse de Deos jardim ficando  
 Por flor nunca caduca qualquer dellas,  
 Naõ quizeraõ nos thalamos melhores  
 Por estrellas ficar, cair por flores.

L A V S D E O .



Faltax

aqui 12 peçax

Transpõe: RES. 42/83//23v.